

**A DANÇA DA NATUREZA E A RUÍNA DA ALMA:
GEOGRAFIA E LITERATURA – UMA LEITURA POSSÍVEL**

*LA DANSE DE LA NATURE ET LA RUINE DE L'ÂME: GÉOGRAPHIE
ET LITTÉRATURE – UNE LECTURE POSSIBLE*

*THE DANCE OF THE NATURE AND THE RUIN OF THE SOUL:
GEOGRAPHY AND LITERATURE - A READING POSSIBLE*

Eguimar Felício Chaveiro
Professor Adjunto do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais / UFG
Av. Rio Branco, aptº. 601, bloco 9 - Residencial Dom Felipe
Setor Urias Magalhães / CEP: 74575-070 Goiânia-GO
eguimar@hotmail.com

Resumo

A partir de uma interpretação integrada entre geografia e literatura estabeleceu-se uma análise dos poemas “A oração do Milho” e o “A minha cidade”, de Cora Coralina. A análise feita baseou-se em dois pressupostos: o de que a voz literária pode enriquecer a ação científica; e o de que componentes como a intuição, a emoção e a sensibilidade podem contribuir com a teoria do conhecimento que deseja romper as dualidades entre subjetividade e natureza, espaço e sujeito etc. Os poemas interpretados revelam, no contexto de que fazem referência, a densidade econômica, antropológica, cultural e geográfica do lugar, clareando impasses e tendências da geografia do sertão.

Résumé

D'une interprétation intégrée entre la géographie et la littérature c'était analyse établie des poésies “La Prière du Maïs” et “Ma Ville”, de Cora Coralina. L'analyse faite a été basée sur deux estimée : de celle la voix littéraire peut enrichir l'action scientifique ; et de cela les composants en tant que l'intuition, l'émotion et sensibilité peuvent contribuer avec la théorie de la connaissance qu'elle désire ouvrir une brèche les dualidades entre la subjectivité et la nature, de l'espace et du citoyen etc. Les poésies interprétées révèlent dans le contexte de cela qu'elles font la référence, densité économique, anthropologique, culturelle et géographique de l'endroit, éclairant impasse et tendances de la géographie de l'hinterland.

Abstract

From integrated interpretation between geography and literature it was established analysis of the poems “The maize’s prayer” and “My city”, of Cora Coralina. The done

analysis was based on two estimated: of that the literary voice can enrich the scientific action; and of that components as the intuition, the emotion and sensitivity can contribute with the theory of the knowledge it desires to breach the dualidades between subjectivity and nature, space and citizen etc. The interpreted poems disclose in the context of that they make reference, economic, anthropologic, cultural and geographic density of the place, clearing impasses and trends of the geography of the hinterland.

Introdução

É corrente – e recorrente – o anúncio de novos paradigmas de conhecimento e a afirmação de que as bases positivistas que ampararam a ciência moderna, logrou uma tradição acadêmica baseada na especialização dos campos de saberes, na fragmentação temática, no reducionismo interpretativo, no mecanicismo metodológico, na concepção determinista da natureza, na função economicista, na externalização e na desvalorização de componentes humanos para se proceder ao conhecimento, como a sensibilidade, o afeto e a emoção, a corporeidade.

Decorre dessas críticas, a solicitação para que ciência e arte produzam pontes que potencializem o conhecimento de referências comuns a ambos. Fora os perigos de tomar um campo como o outro, ou cair num desvario discursivo, sobra a imensa possibilidade de inserir, na elaboração do conhecimento científico, um enriquecimento de perspectiva, um alargamento de ângulos.

A geografia mundial e brasileira tem produzido experiências práticas que celebram as possibilidades de intersecção de ciência e arte. Mais precisamente, tem descoberto que as categorias de análise da geografia e o seu objeto de estudo, encontram-se pautados nas narrativas literárias, em diferentes gêneros e espécies de poesia, na pintura, no cinema e, inclusive, nas *charges*.

Em Goiás, a junção do vislumbre estético com a interpretação científica, especialmente entre geografia e literatura tem se assomado em trabalhos desenvolvidos e orientados por Almeida (2005), Chaveiro (2005, 2005a), Mendonça (2004) e vários outros autores.

Em que pese haver diferenciações temáticas na interlocução teórica e no modo como se dá o elo entre os campos, todos eles partem por compreender que a narrativa literária tece fotografias imaginárias que ajudam a desvendar conflitos sociais, modos de vida, organização do trabalho, forma e função de cidades, hábitos de morar, cultura alimentar, modos de falar, eventos culturais, molecagens, traquinagens, astúcias

de camponeses, lazer, situações amorosas, preconceitos, violência e encantamento pela natureza como componentes de enredos e situações de uma certa “geografia do sertão”.

Tem se compreendido, por essa perspectiva, que a interpretação de um Goiás profundo, para além dos parâmetros matemáticos, das classificações e das diferenciações habituais, pode-se fazer da literatura uma fonte primordial. E mais: coube aos literatos que inseriram o espaço goiano no centro de suas narrativas e de sua poética, produzir uma imagem desse espaço – e de sua gente. Essa operação foi edificada tomando como base as condições dialéticas entre o autor e a obra.

Na maioria dos casos, vários desses autores tiveram experiências de vida concretas nesse espaço. Eles viveram dramas existenciais que depois foram transportados para os personagens; proclamaram, no espaço goiano, a sociabilidade que definiu a sua imaginação criadora que, depois, foi transformada em imagens, enredos e situações literárias. Por ser assim, é uma literatura que passeia com sensibilidade no mundo real em que viveram, tornando-a de caráter regional.

Ainda que o nosso objetivo não seja discutir o estilo dessa literatura, vale supor que ela carrega o chão nas palavras, conduz – direta ou indiretamente – pelo critério estético, o mundo de que faz referência. Por isso, a sua imagem é uma representação possível da vida que se construiu neste espaço. Ela é, assim, fonte e leitura de um mundo que existiu no logro temporal passado – e existe no presente pelo trânsito das gerações que, no sertão, relaciona com o mundo presente. É como se avisasse que o sertão está vivo – e palpita, de alguma maneira, no que somos e no que fazemos.

Mais que o documento de uma tradição – e de uma organização societária -, é um apontamento dos rumos aos quais as transformações socioespaciais conduziram o território goiano e a sua gente, incluindo, necessariamente, todos os que vieram para cá, os migrantes, os vendedores, religiosos etc.

Faremos, mediante esses pressupostos, uma leitura dos poemas “A oração do milho”, e o “A minha cidade”, de Cora Coralina. A leitura será pautada em duas bases: a crítica de Morin e Moigne (2000), de que a ciência moderna determinista criou a ruína da alma e a concepção de novos paradigmas que afirmam que a interação dos elementos quânticos da matéria, o movimento das partículas subatômicas como os elétrons e os *quarks*, as vibrações das cordas de energia dessas partículas e a relação

com a cultura humana desenvolvem a dança da natureza – e a natureza como uma dança. Em tudo, sintetiza-se: natureza e alma se imbricam – e se pressupõem.

Uma interpretação integrada da Natureza e da Cultura: o milho de Cora

Autores como Morin e Moigne (2000), Lúcia Cidade (2001) e Peter Pelbart (2000) compartilham de um mesmo pressuposto: estão em curso novas maneiras de ler o espaço, interpretar a cultura e compreender a natureza e a sociedade. Em geografia, pode-se dizer que esse novo tipo é o que se chama de interpretação integrada. Essa integração se desdobra: os elementos que compõem a natureza interagem entre si numa dança invisível, articulada e caótica. Assim como os componentes sociais e da cultura interagem entre si e com a natureza. E mais: são esses elos, essas redes e essas comunicações que faz tempo e espaço se ligarem e o aqui e o longe se juntarem, de maneira que a origem se encontra presente, e o “presente é abertamente contínuo”.

Tomaremos como pressupostos, duas posições sobre a natureza que povoam o atual período: uma que a compreende como recurso e a entende como espécie de máquina orgânica lógica, e outra que a interpreta como a componente central da vida, que só existe dançando em leis de probabilidades e de diferenciação total. Essas duas concepções, ligadas à cultura do contexto de Cora Coralina, nos permitem ler o poema “A Oração do Milho” (2003).

A conversa emocionada do milho com Deus pode nos servir para pensar o que Morin e Moigne (2000, p.27) chama de RUÍNA DA ALMA. E palpitar os princípios de conexão entre tudo que existe constituindo a teia complexa da existência como “glória dos dias que amanhecem”. Assim é o poema:

Senhor, nada valho
Sou a planta humilde dos quintais pequenos
E das lavouras pobres

Meu grão perdido por acaso
Nasce e cresce na terra descuidada
Ponho folhas e arte

Se me ajudardes, Senhor
Mesmo planta do acaso
Solitária, dou espigas e devolvo em muitos grãos
O grão perdido inicial
Salvo por milagre
Que a terra fecundou

Sou a planta primária da lavoura
Não me pertença a hierarquia tradicional do trigo
E de mim não se faz o pão alvo universal
O justo não me consagrou pão da vida
Nem lugar me foi dado nos altares

Sou apenas o alimento forte e substancial
Dos que trabalham a terra
Onde não vinga o trigo nobre
Alimento dos rústicos e animais do jugo

Quando os Deus da hélade corriam pelos bosques
Coroados de rosas e espigas
Quando os hebreus iam em longas caravanas
Buscar nas terras do Egito os trigos dos faraós
Quando Ruti respinga cantando na seara dos Bóos
E Jesus abençoa os trigais maduros
Eu era apenas o bró nativo das terras ameríndias

Fui o angu pesado e constante do escravo
Na exaustão do eito
Sou a broa grosseira e modesta do pequeno sitiante
Sou a farinha econômica do proletário
Sou a polenta do imigrante
E amiga dos que começam a vida em terra estranha
Alimentos de porcos
E dos tristes “Mu” de cargas
O que me planta não levanta comércio
Nem vantagem dinheiro

Sou apenas a fartura generosa
E despreocupada dos paióis
Sou o cocho abastecido onde ruma o gado
Sou o canto festivo dos galos
Na glória dos dias que amanhecem
Sou o cacarejo alegre das poedeiras na volta de seus ninhos
Sou a pobreza vegetal
Agradecida voz, Senhor
Que me fizeste necessário – e humilde

Sou o milho

Cora Coralina dá voz narrativa ao milho – “planta do acaso, alimento dos rústicos e animais do jugo” – numa imensa conversa com Deus. O poema entremeadado da história do milho, numa crítica sutil ao sofrimento de camponeses e índios da América Latina em comparação com a opulência do trigo, apresenta vetores da natureza, da economia, da cultura, da religião, da moral, da estética, da genética e da sensibilidade humana.

A riqueza das imagens esculpidas no poema revela, por certo, o lugar humano de Cora, a força de sua arte e o seu compartilhamento afetivo pelos signos sociais que pertencem ao seu espaço e ao seu tempo: os quintais, as lavouras pobres, os trabalhadores da terra, proletários, pequenos sitiantes, as galinhas, o galo, os porcos, os muares, os bosques...

Além disso, com sensata dignidade, usa da técnica do diálogo para lembrar os ameríndios num cruzamento entre história, antropologia e geografia. E faz contraponto aos “homens de comércio” e de “dinheiro avantajado”.

Cora é atenta ao plano estético advindo das formas da natureza. As folhas, a reluzência ourificada dos grãos, as poedeiras e os ninhos são quadros pictóricos de sua significação estética girando em torno do milho. E é solidária e fraterna com o “escravo na exaustão do eito”, com o galo que dá o sinal para o trabalho e, logo, para a sustentação da vida, com o imigrante que tem que enfrentar um lugar estranho.

Estética e ética se juntam como se ensinassem que só é belo o que é justo - e só é justo o que defende a vida. Então a verdadeira ética é substancial se não nega a estética; e essa tem valor se é comprovada na existência, por isso que o que é belo é o angu, a broa, a farinha econômica, os porcos, pois estes ingredientes operam “uma existência rústica e humilde”.

O desprezo sofrido pelo milho – como alimento dos rústicos – diante da sensibilidade de Cora, torna-se possível descobrir, de uma só vez, duas críticas: uma de caráter geopolítico, em que a representação do milho é menor que a do trigo pelo fato de fazer parte da identidade dos povos “ameríndios”; e outra de caráter de classe, em que está situado o que é reservado aos sujeitos empobrecidos no campo da alimentação.

A crítica é mais contundente à medida que estabelece um apontamento sutil ao modo como o imaginário cristão, ao simbolizar o trigo como o “pão dos justos”, cria um preconceito consoante às religiosidades indígenas e camponesas, pois nega o milho – e a sua imensa inserção cultural. Ele não serve para fabricar a hóstia consagrada. Mas a voz da poeta – com tino político decidido – brada com ternura a sua preferência pelo que é “necessário e humilde”.

O milho de Cora está situado num contexto histórico que repercute em seu tempo de vida, na sua experiência social numa cidade pequena, a sua Velha Goiás – a antiga Vila Boa ou a Cidade de Goiás. Esse contexto marca não somente o tempo de vida da poeta, mas a localização do seu espaço num contexto socioterritorial.

Cora fala de um lugar postado num tempo, esse lugar que foi primaz no período aurífero, mas que perdeu, posteriormente, por condições políticas, o posto de capital do Estado de Goiás e que, por conta da estrutura geológica, das condições do relevo e do solo e de aspectos políticos, sofre uma mutação nas suas atividades econômicas, especialmente no século XX, sendo um território de empobrecidos, embora tutelado sob o poder de mando.

É desse lugar historicamente constituído que Cora se forma enquanto pessoa relacionando com a cultura que lhe apresenta os signos, os símbolos e os ritos que a transforma num agente observador ou numa intérprete metafórica do que lhe ocorre e do que ocorre no lugar. É do lugar que alça a sua fala, esse lugar que está na sua alma, que medeia a sua relação com o mundo, que dá sentido para a sua condição de sujeito.

O poema que revela o sujeito e a paisagem

A fusão entre espírito e espaço é presente na obra de Cora – e no seu gênio criador. No poema MINHA CIDADE, ela canta:

Goiás, minha cidade...
Eu sou aquela amorosa
De tuas ruas estreitas,
Curtas,
Indecisas,
Entrando,
Saindo
Umas das outras
Eu sou aquela menina feia da ponte da lapa
Eu sou Aninha

Eu vivo nas tuas igrejas
E sobrados
E telhados
E paredes.
Eu sou aquele teu velho muro verde de avencas
Onde se debruça
Um antigo jasmineiro
Cheiroso
Na ruinha pobre e suja

Eu sou estas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras
Eu sou a ramada
Dessas árvores,
Sem nome e sem valia,

Sem flores e sem frutos,
De que gostam
A gente cansada e os pássaros vadios

Eu sou a dureza desses morros
Revestidos
Enflorados
Lascados a machado
Lanhados, lacerados
Queimados pelo fogo
Pastados
Calcinados
E renascidos

Eu sou a menina feia da ponte da Lapa
Eu sou Aninha

Se no poema “A oração do Milho” Cora transforma o milho numa metáfora para falar do lugar, e o faz sob uma perspectiva: a partir dos empobrecidos. Aqui ela passeia nas paisagens da cidade destacando a si mesma e a sua relação com o espaço e com o Outro. O seu destaque compõe também a representação: está lançado o olhar do Outro sobre si, por isso ela é “menina feia da ponte da Lapa”. O que parece simples e descritivo ganha sofisticação: trata-se de um olhar profundo do lugar, de alguém que tem consciência de como o lugar olha a si, ou ela mesma é esse lugar: “eu sou estas casas...”.

A fusão do sujeito com o espaço, ou o que Miranda (2006) chama de “sujeito geográfico” e Santos (1996) destaca com que não há vida sem uma incursão no território, é demonstrado pela perícia metafórica da linguagem poética. Essa revelação permite que a poeta entre fundo na estrutura de classe que enfeixa o lugar, juntando estética e política, imaginário e geografia.

O alargamento de sentido ocasionado pelo seu “milho metafórico” ou o passeio sensível pela paisagem de sua cidade, patenteia a missão de um olhar transdisciplinar: englobar num mesmo pensamento vários níveis de conhecimento da realidade, palmilhar as intersecções, retirar de cada coisa um feixe de possibilidades, instaurar a crítica com rigor e brandura ao mesmo tempo, aglutinar sensibilidade e razão.

E mais: quem faz a leitura de seus poemas fundado numa vontade criativa, pode transformá-lo num vetor para, ao sair do contexto em que o referente de Cora se estabelece, olhar fundo o contexto atual. A sua poética se coloca então como memória e

documento, uma espécie de guardião cultural do passado. Como memória, nos instiga a pensar o presente, encontrar as linhas e os fios que processaram as transformações socioespaciais do lugar e do mundo.

Isso permitiria cumprir o que se tem denominado de que ler é criar. Servir do poema de ontem para ver o hoje pode nos levar a efetivar um exercício criativo de diálogo com Cora. E, então, botar o milho transgênico para conversar com Cora. Diz o milho:

“Poeta, de Vila Boa, eu sou o milho criado nos laboratórios de Engenharia genética numa lógica em que ciência e capital se fundem... Me chamam de transgênico e dizem que posso ser uma ameaça ao meio ambiente e à vida humana; dizem que sou a natureza da natureza, triste filho da pressa, da cobiça, do enriquecimento. Eu existo, poeta, para enriquecer algumas empresas, para fazer o dinheiro transitar a partir, não da vida, mas para ativar o comércio internacional, para dar solidez a um mundo economicista em detrimento da alma e da estabilidade das pessoas...

Poeta, de Vila Boa, não há de ser nada: como sou filho do laboratório, eu perdi a capacidade de reproduzir... Não adianta o camponês me jogar nas pequenas covas abertas no solo. Eu existo para criar a dependência do mercado... Não adianta me plantar, eu sou substância sem semente, minha sexualidade está na química dos laboratórios, entende?

Mas isso está em debate, não são todos que concordam com essas afirmações: dizem que sou filho do melhoramento genético, da manipulação dos genes que geram identidade vital às espécies. Sou tratado com máquinas evoluídas e não necessito mais da carpina, do suor, do músculo depositado entre aquelas leiras infinitas, hoje há remédios que matam as ervas daninhas e me deixam livre para o pendão e não para ser quebrado por mãos calosas...”

Morin e Moigne (2000, p.27) poderia entrar na conversa e dizer que “ciência sem consciência cria a ruína da alma – e do ser”. Lúcia Cidade (2001) nos chamaria a atenção no sentido de nos mostrar que as visões de natureza são sustentadas pelas visões de mundo – e isso respinga na formação dos paradigmas geográficos. Pelbart (2000) nos diria que “do milho da Cora ao milho transgênico” está delineada a evolução da sociedade disciplinar, passando pela sociedade de controle até a sociedade claustrofoba. Ou, então, poderíamos afirmar que o olho da ciência não pode erradicar a sensibilidade, a emoção, a existencialidade.

Do milho de Cora para o milho transgênico está situada uma “evolução digressiva” que forja a servidão maquínica a partir da eliminação de todas as fronteiras para a fábrica e para o mercado em forma de redes moduláveis. Os espaços instáveis são, então, comandados por essas redes que encarnam no centro nervoso da alma humana e nas ações sutis e internas da natureza. Se o milho de Cora era a cara e o

coração de um território matizado por condições sociais, econômicas e culturais, o milho transgênico é a cara e o coração dos espaços globalizados guiados pela intromissão da ciência, da técnica e da informação nos lugares e nas paisagens.

Algumas perguntam entram aqui como “milagre de uma terra fecunda”: como o “fenômeno milho”, ao modo como Cora apresenta, poderia ser analisado mediante um paradigma positivista e da complexidade? Quais são as concepções de espaço que estão presentes no texto de Cora e dos autores que lemos? Quais são as concepções de natureza? Como fundir, num único lume interpretativo, cultura, consciência e natureza?

Pelbart (2000, p.32), com a sua análise visceral do espaço, apregoa que o tempo comandado pelas redes entra, inclusive, no tempo livre. Temos um espaço guiado pelo cartão de ponto eletrônico, pelo cartão de crédito, pelos semáforos, pela agenda, pelo fone, fax, aviões, pelo antibiótico, pelo despertador da multifuncionalidade do celular – e não pelo canto do galo que avisa “a glória dos dias que amanhecem”.

Em Pelbart (2000), como em muitos autores, há uma afirmação de que vive-se, hoje, a supremacia do tempo sobre o espaço. Ou este é transfigurado pela vertigem do tempo e de seus atributos sociais. Há rugosidades no espaço “dos que se fazem necessários e humildes”? Como situa, no espaço atual, “a farinha econômica do proletário”?

Essas perguntas colocam em cena o saber geográfico e o seu diálogo com os paradigmas do conhecimento, nos instigam a responder como lidamos com os duetos dicotômicos da tradição do saber moderno, como sociedade e natureza, cultura e natureza, espaço e tempo, matéria e partícula, ética e estética, lógica e percepção etc.

Aponta, também, o alcance da estética pelo viés da literatura na interpretação dos fenômenos sociais. Os textos poéticos de Cora se nos mostram abertos a várias possibilidades de leitura. Comprovam, também, que a sensibilidade é componente do conhecimento – e que a vida é sempre o nosso objeto de estudo, a razão de nossos métodos, a justificativa para podermos trabalhar, criticar – e sonhar.

Desacertos sociais da ruína da alma

O saber poético, tal como analisamos anteriormente, pode alcançar pontos nevrálgicos do real onde costumeiramente a ciência moderna não consegue ir. Ressalva,

também, que a tradição científica que triunfou do século XVIII em diante, é componente dessa ruína.

O pendor produtivista dessa tradição científica, o seu servilismo tecnocrático e, especialmente, a forma dicotômica com que tratou natureza e ser humano, matéria e subjetividade, criaram as bases para a construção do sujeito fragmentado de que hoje irrompe no espaço contemporâneo.

Uma ciência sem consciência no dizer de Morin e Moigne (2000) é factível com o sujeito que olha o mundo e a si mesmo externo ao sentido que faz e ao que recebe. Um dos desdobramentos políticos da fragmentação é distender a crença na ação coletiva, ao mesmo tempo que brutaliza a consciência individual como se, apenas a partir dela, fosse possível preservar o dom vital.

Isso cria uma cisão que reflete na alma e produz a sua ruína. Embora o sujeito vive na multidão há dificuldade de comunicação afetiva e de fortalecimento dos laços coletivos; mesmo tendo, por vias tecnológicas, uma atualização dos códigos simbólicos que são gerados no mundo inteiro, a tendência é o isolamento e a solidão. E quanto mais cria uma subjetividade que consome signos alheios, mas perde a si mesmo. E mais distancia de suas próprias raízes.

O Outro tende a ser um estranho embora agindo a partir de signos da moda, do fanatismo religioso, da performance, do consumo de bens midiáticos, da drogadição, os mesmos signos que povoam os espaços de todos e servem para embaralhar a referência identitária. De tal sorte, que o sujeito é estranho a si mesmo, pois repartido, esfacelado e distante das origens, tende a ter as doenças dessa alma em ruína, como a depressão, a ansiedade, a esquizofrenia.

Pode se dizer que a ruína da alma é produto do desencontro historicamente constituído de um sujeito que não se reconhece no mundo e, portanto, não reconhece em si a potência de vida. Nessa condição, cede com facilidade aos apelos da moda, da mídia e das fantasias embrulhadas pela propaganda e pelo marketing.

A poesia entra aí como uma possibilidade de recuperação de vitalidade. Na malha móvel da singularidade das coisas do mundo, é cabível estremecer, assustar, interrogar ao invés de consumir, filiar, aceitar-se. Mas a poesia pode também vir empastelada como muleta de alteridade, ou como reforço de representação.

Ser poeta é, assim, diferente de sentir a vida poeticamente. Ou de produzir uma sensibilidade instruída numa interrogação poética, buscando em cada coisa, como nos poemas de Cora, os seus universais e a sua transcendência.

Referências

- ALMEIDA, M. G. (Org.). **Tantos Cerrados**. Goiânia: Vieira, 2005.
- BARTHES, R. **A aventura semiológica**. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CHAVEIRO, E. F. **A captura do território goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial**. Catalão: Gráfica e Editora Modelo, 2005.
- _____. **A vida é um engenho de passagens**. Goiânia: Descubra, 2005.
- CIDADE, L. C. F. **Visões de mundo, visões da natureza e a formação de paradigmas geográficos**. In: Terra Livre, São Paulo, 2001, vol. 17, p. 99-118.
- CORALINA, C. **Poema dos Becos de Goiás e Estórias Mais**. Rio de Janeiro: Globo, 1990.
- _____. **Vintém de Cobre: meias confissões de Aninha**. São Paulo: Global, 2003.
- MALDONATO, M. **A subversão do ser: identidade, mundo, tempo, espaço: fenomenologia de uma mutação**. Tradução de Luciano Loprete e Roberta Barni. São Paulo: Peirópolis, 2001.
- MENDONÇA, M. R. **A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do sudeste goiano**. 22 de setembro de 2004. 448 f. Tese (Doutorado em Geografia). Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2004.
- MIRANDA, M. **Representações sociais do espaço urbano e a revelação do sujeito geográfico: um estudo com jovens de Ceilândia – DF**. Julho de 2006. 210 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, 2006.
- MORIN, E.; MOIGNE, J. L. **A inteligência da complexidade**. Tradução de Nurimar Maria Falci. Ed. Peirópolis. São Paulo, 2000. 263 p. (Série Nova Consciência).
- PAZ, O. **El arco y la lira**. 3 ed. México: Fondo de Cultura Economica, 1972.
- PELBART, P. P. **A nau do tempo rei : sete ensaios sobre o tempo da loucura**. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

_____. **A vertigem po um fio: políticas da subjetividade contemporânea.**
São Paulo: Iluminuras, 2000.

SANTOS, M. **De la totalidad al lugar.** 1 ed. Barcelona: Oikos, 1996.

Recebido para publicação em julho de 2007

Aprovado para publicação em outubro de 2007